



Ciências Sociais Aplicadas: As Relações como Meio de Compreender a Sociedade

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020



Ciências Sociais Aplicadas: As Relações como Meio de Compreender a Sociedade

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia

Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências sociais aplicadas: as relações como meio de compreender a sociedade

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências sociais aplicadas: as relações como meio de compreender a sociedade / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-474-0
DOI 10.22533/at.ed.740201610

1. Ciências sociais aplicadas. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco (Organizadora). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book “Ciências Sociais Aplicadas: As relações como meio de compreender a sociedade”. São ao todo vinte e um artigos que apresentam pesquisas relacionadas as áreas de turismo, educação, política, trabalho, desenvolvimento econômico e um artigo relacionado a política pública de assistência social e direitos socioassistenciais.

Os temas são abordados a partir de diferentes perspectivas teóricas, e os autores e autoras propõe-se a identificar e analisar as relações existentes entre as temáticas com elementos contextuais e aspectos territoriais, contribuindo para a realização de estudos, com uma perspectiva mais ampliada e aprofundada das relações presentes na sociedade brasileira.

Nos artigos em que o tema turismo foi abordado, identifica-se análises relacionadas com as manifestações culturais, o lazer, questões étnicas vinculadas a uma comunidade quilombola e desenvolvimento sustentável.

Na temática relacionada a educação, identifica-se a realização de pesquisas vinculadas a educação infantil e as universidades, bem como, entre este tema e os hábitos de leitura, violência física entre estudantes, contratação de pessoas com deficiência e inserção de pessoas com mais de 50 anos no ensino superior.

Os movimentos populares, os aspectos ideológicos, as relações com o meio ambiente e as urnas eletrônicas constituem os aspectos que fizeram parte das análises vinculadas a política.

Para finalizar, são apresentadas as pesquisas que trataram sobre os temas trabalho e desenvolvimento econômico. Os artigos apresentados analisam a relação com as atividades comerciais locais, capital improdutivo, precarização das relações trabalhistas, questões de gênero, marca e marketing.

Com esta breve apresentação é possível identificar a amplitude das análises e pesquisas que são apresentadas neste e-book. Esperamos que a leitura realizada possa contribuir para novas reflexões e outras aproximações sobre as relações presentes no atual contexto da sociedade brasileira.

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DOCUMENTAÇÕES E TURISMO: PROCESSOS E REGISTROS DE VIAGENS INTERNACIONAIS PARA BRASILEIROS

Carla Ferreira de Moraes

Leandro Gracioso de Almeida e Silva

Pollylian Assis Madeira

DOI 10.22533/at.ed.7402016101

CAPÍTULO 2..... 16

ESCALADA EM ROCHA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE LAZER EM MONTES CLAROS/MG

Jarbas Pereira Santos

Marilda Teixeira Mendes

Michela Abreu Francisco Alves

Irene Menegali

Maria Auxiliadora Pereira Figueiredo

DOI 10.22533/at.ed.7402016102

CAPÍTULO 3..... 28

TURISMO ÉTNICO-CULTURAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PIQUI DA RAMPA, CONTRIBUINDO COM O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, NA GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA

Wilson de Carvalho Rosa Filho

DOI 10.22533/at.ed.7402016103

CAPÍTULO 4..... 42

PANORAMA DA EVOLUÇÃO DOS *ADVENTURE GAMES*

Camila Brandão Bisson

Leonardo Antonio de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.7402016104

CAPÍTULO 5..... 68

PCDS A DEMANDA PRESENTEADA: UMA ANÁLISE DO CENÁRIO DA OBRIGATORIEDADE DA CONTRAÇÃO, DIANTE UM CENÁRIO DE EDUCAÇÃO

Daniel Andrei Rodrigues da Silva

Tamara Wildner

Tatiane Barichello Zorzo

DOI 10.22533/at.ed.7402016105

CAPÍTULO 6..... 77

DIREITO E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Fabrine Antonello

Jaqueline Antonello

DOI 10.22533/at.ed.7402016106

CAPÍTULO 7.....	86
HÁBITOS DE LEITURA E COMPREENSÃO DE RÓTULOS DE ALIMENTOS: UMA AVALIAÇÃO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	
Carina Carvalho Novaes Géssica Coelho Alencar Maria Carolina Barros Costa Marianne Louise Marinho Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.7402016107	
CAPÍTULO 8.....	94
AS NARRATIVAS NOS LIVROS DE OCORRÊNCIAS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA ENTRE OS ESTUDANTES	
Sergivano Antonio dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7402016108	
CAPÍTULO 9.....	118
A UNIVERSIDADE PARA QUEM TEM MAIS DE 50 ANOS: UM ESTUDO DE CASO EM UMA IES DO MEIO OESTE DE SANTA CATARINA, BRASIL	
Juciele Marta Baldissarelli Adelcio Machado dos Santos Monica França dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7402016109	
CAPÍTULO 10.....	130
DOM JOSÉ RODRIGUES: SEU PAPEL POLÍTICO E EDUCATIVO JUNTO ÀS CAMADAS POPULARES NO BOLETIM “CAMINHAR JUNTOS”	
Jônatas Pereira do Nascimento Rosa Edonilce da Rocha Barros Andréa Cristiana Santos	
DOI 10.22533/at.ed.74020161010	
CAPÍTULO 11.....	144
A MILITÂNCIA COMO MANDAMENTO OU EXISTE POSSIBILIDADE DE VISÕES PLURAIS NAS AULAS DE HISTÓRIA? APONTAMENTOS PRELIMINARES	
Manoel Adir Kischener Everton Marcos Batistela Airton Carlos Batistela Mariza Rotta	
DOI 10.22533/at.ed.74020161011	
CAPÍTULO 12.....	160
AMAZÔNIA: AS NUANCES COMUNICACIONAIS AOS OLHOS DA ESTRATÉGIA ELEITORAL/GOVERNAMENTAL DE JAIR BOLSONARO E EMMANUEL MACRON	
Gustavo Koetz Vaccari Roberto Gondo Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.74020161012	

CAPÍTULO 13..... 174

A LOGÍSTICA NO SETOR PÚBLICO: O CASO DAS URNAS ELETRÔNICAS NA JUSTIÇA ELEITORAL DO AMAZONAS

Karina Lopes Cidade

Marcos Carneiro da Silva

DOI 10.22533/at.ed.74020161013

CAPÍTULO 14..... 189

COLONIALIDADE E PRÁTICAS ALIMENTARES NO GOVERNO DE JANARY NUNES

Lúcia Tereza Ribeiro do Rosário

Antônio Sérgio Monteiro Filocreão

DOI 10.22533/at.ed.74020161014

CAPÍTULO 15..... 197

O MARKETING DE RELACIONAMENTO E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO DE MARCA.

COMPLEXIFICAÇÃO CONCEITUAL E NOVOS COMPORTAMENTOS DE CONSUMO

Guaracy Carlos da Silveira

Fernando Augusto Carvalho Dineli da Costa

DOI 10.22533/at.ed.74020161015

CAPÍTULO 16.....211

CRESCIMENTO ECONÔMICO, UBERIZAÇÃO DO TRABALHO E DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

Railson Marques Garcez

DOI 10.22533/at.ed.74020161016

CAPÍTULO 17..... 224

A INCLUSÃO DE UMA MICROEMPRESA NO MERCADO BAGEENSE ATRAVÉS DA PESQUISA DE MERCADO

Hallana Pereira Ortiz

Vinícios Oliveira da Rosa

Aldemi Silveira Leon

Lóren Formiga de Pinto Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.74020161017

CAPÍTULO 18..... 240

O CÂMBIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL-COLÔMBIA-PERU E SEUS REFLEXOS NA ATIVIDADE COMERCIAL LOCAL

Giselly Mayara Mesquita de Paiva

Nicolas Andretti de Souza Neves

Ronaldo Cardoso da Silva

DOI 10.22533/at.ed.74020161018

CAPÍTULO 19..... 254

O EMPREGO DOMÉSTICO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MUNDO DO

TRABALHO: O EMPODERAMENTO DAS MULHERES E A BUSCA DA IGUALDADE

Elaine Aparecida Fonsêca Tavares

Maria Olímpia de Jesus Sousa

Soraia Veloso Cintra

Luciene da Silva Pereira

DOI 10.22533/at.ed.74020161019

CAPÍTULO 20..... 265

A ERA DO CAPITAL IMPRODUTIVO: UMA RESENHA CRÍTICA

Marcus Vinicius Gomes Pereira

DOI 10.22533/at.ed.74020161020

CAPÍTULO 21..... 277

ASSISTENCIA SOCIAL E DIREITOS SOCIOASSISTENCIAIS: O MUNICÍPIO DE CACHOEIRA/BA

Heleni Duarte Dantas de Àvila

Jucileide Ferreira do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.74020161021

SOBRE A ORGANIZADORA..... 287

ÍNDICE REMISSIVO..... 288

CAPÍTULO 12

AMAZÔNIA: AS NUANCES COMUNICACIONAIS AOS OLHOS DA ESTRATÉGIA ELEITORAL/GOVERNAMENTAL DE JAIR BOLSONARO E EMMANUEL MACRON

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 14/07/2020

Gustavo Koetz Vaccari

Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, SP
<http://lattes.cnpq.br/8867093729707377>

Roberto Gondo Macedo

Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, SP
<http://lattes.cnpq.br/5481345089631117>

RESUMO: Comumente, a aparição de polêmicas e questionamentos, assim como discussões e efemérides, abrem um leque de iniciativas para que as lideranças governamentais evidenciem seus posicionamentos, que exponham seus ideais e que reiterem seus desejos. As comunicações eleitoral e governamental, embora de competências paralelas, estão intrinsecamente interligadas e, em longo prazo, refletem uma a outra. Parte desta dinâmica demonstra a importância de um discurso coerente para a corroboração da credibilidade do elegível/elegido, já que este, a todo o momento, é avaliado por diversas estruturas político-sociais que determinam a base na qual, inevitavelmente, está sustentado. Cabe a tal indivíduo, portanto, desenvolver, em ordem de adquirir uma boa imagem, a evidência física de sua eloquência e a tangibilidade de suas promessas. É o caso de Jair Bolsonaro e Emmanuel Macron, que, ao longo das chamadas da Amazônia, levantaram

questões pertinentes não somente a respeito da floresta, mas também, convenientemente, para uma parte de seu público eleitoral.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; comunicação; estratégia; geopolítica.

AMAZÔNIA: THE COMMUNICATION HUE IN THE EYES OF THE ELECTORAL/GOVERNMENTAL STRATEGY OF JAIR BOLSONARO AND EMMANUEL MACRON

ABSTRACT: Commonly, the appearance of controversies, as well as events and its discussions, creates a range of initiatives for government leaders to highlight their positions, to expose their ideals and to reiterate their desires. Electoral and governmental communications, while having parallel competences, are intrinsically interconnected and, in the long term, reflect on each other. Part of this dynamic demonstrates the importance of a coherent speech to corroborate the credibility of the eligible / elected, since this one, at all times, is evaluated by several political and social structures that determine the basis on which, inevitably, is sustained. It is up to such an individual, therefore, to develop, in order to acquire a good image of himself, the physical evidence of his eloquence and the tangibility of his promises. This is the case of Jair Bolsonaro and Emmanuel Macron, who, throughout the Amazon's flames, raised pertinent questions not only about the forest, but also, conveniently, to a part of their electoral public.

KEYWORDS: Amazônia; communication; strategy; geopolitics.

1 | INTRODUÇÃO

A representação do indivíduo e de suas vontades remete à antiguidade com a Grécia antiga. A abertura política para as classes ascensionais promovidas primeiro por Sólon e a fragmentação do poder político em distritos (“Demos”, em grego) seguinte por Clístenes - magistrados que, por um tempo, detiveram o poder de legislar na época - desencadeou o que seria o resultado da democracia moderna. Assim iniciou-se a essência da representação própria de grupos e de suas devidas autonomias.

Em outra época, 2.500 anos depois, além de compor o interesse público que os elegeram, os presentes representantes passaram a responder (com suas próprias maneiras) às causalidades da globalização. A formação de um mundo conectado a poucos segundos de interação faz do eleito constantemente avaliado por entidades tais como o mercado global, a opinião pública e a mídia internacional – seres que, complexos demais até uma década atrás, hoje podem ser formados e compreendidos por quaisquer leigos interessados, mediante meia dúzia de cliques em seus celulares.

Partindo de uma qualificação global, portanto, é exigida do sujeito a constante manutenção de sua imagem. Seja atendendo às pautas que o elevaram ao seu cargo atual ou pela sua aparente atenção, o eleito (que possui probabilidade de se reeleger) define uma coerência comunicacional a ser seguida.

Avaliado por duas medidas, a aprovação local e a recepção internacional, os governos levam em conta a probabilidade de se tornarem reféns de uma luta eterna pela satisfação média. Ponto este que, muitos governos considerados errados e defeituosos foram considerados errados e defeituosos propriamente por entidades que não foram agradadas, e vice-versa. É nesta etapa que entra em prática a comunicação precisa e efetiva para o sucesso da narrativa. O parecer de que a situação está decorrendo de forma correta é, muitas vezes, mais importante do que estar, de fato, correta.

Em 2019, por exemplo, foram vistos na 74ª Sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, iniciada no dia 17 de setembro, diversos direitos de resposta a discursos das lideranças internacionais. Entre eles, os mais exaltados englobaram o conflito entre Paquistão e Índia sobre o território da Caxemira, além de conflitos entre Sérvia e Albânia, Guatemala e Belize, Indonésia e Vanuatu, Azerbaijão e Armênia, Irã e Israel, Irã e Arábia Saudita, Irã e Bahrein e, finalmente, Irã e Emirados Árabes Unidos.

É perceptível, mesmo não enfatizada em uma estratégia comunicacional, a necessidade de se posicionar por parte dos representantes. No mesmo caso, observa-se que a questão da Caxemira reergueu centelhas conflitantes entre as duas

soberanias sul-asiáticas devido às explícitas investidas da liderança paquistanesa e o parecer do recém-eleito governo indiano. Ambos com fortes posicionamentos em seus discursos na ONU.

Esses posicionamentos agregam um fim eleitoral imagético, tendo como meio, a anestesia geral de sua base política, mesmo contrapondo os interesses internacionais de união. Basta ver, estampada, a afronta de um país para com outro em um palanque simbólico e literal das Nações Unidas. Um espelho onde a imagem supranacional refrata um objetivo local.

Eventos como este ilustram uma fração ínfima da defesa dos interesses regionais existentes. Pela proporção, aumentada em escala global e em médio prazo, haveria uma ampliação de casos similares. Ou seja, se colocada todas as circunstâncias envolvendo dois ou mais países em um período de uma década – tempo médio das influências de uma gestão, a quantidade de desavenças tende a aumentar exponencialmente. E como, de fato, aumentam.

Aplicada essas mesmas circunstâncias sob uma visão intermediadora crítica - o protagonismo do indivíduo e das massas - a exaltação coletiva se efetiva na condução governamental. A crescente tangibilidade dos discursos políticos, as respostas midiáticas e os debates públicos elevados pelas plataformas tecnológicas e digitais, levam à plausibilidade da histeria generalizada acerca das repercussões consequentes.

Em um caso exemplificado, Hong Kong – região autônoma no território Chinês - perpetuou, no mesmo ano, as redes sociais e manchetes internacionais com o seu repúdio, inicialmente, ao acordo de extradição proposto pelo governo Chinês.

Tomando proporções preocupantes, a questão honconguesa acabou envolvendo, além do mercado e geopolítica chinesa, diversos setores da sociedade, dentre elas partes de populações que se identificaram com a causa, empresas internacionais que responderam o mercado chinês, personas públicas que opinaram sobre a ocasião e até influenciadores digitais fazendo comentários sobre. Na maioria dos casos, o posicionamento desenfreado (mesmo não sendo estúpido) levou a mais prejuízos dos envolvidos do que agregou benefícios à causa.

Nesse sentido, para destrinchar uma amostra repercutida, serão decorridas neste artigo, algumas especificidades do caso envolvendo os incêndios na floresta amazônica sob o ponto de vista francês e brasileiro.

Uma eventualidade em território brasileiro proporcionando alcance mundial, em aspectos físicos, comunicacionais e simbólicos. Uma aglomeração de pautas soberanas, desenvolvimentistas, sob a chancela da consciência social, do saciar eleitoral e, evidentemente, dos confrontos ideológicos, aspectos que marcaram ambos os posicionamentos de Jair Bolsonaro e Emmanuel Macron, respectivos presidentes das repúblicas do Brasil e da França.

Serão analisadas e comparadas as congruências entre seus posicionamentos e bases eleitorais, e a repercussão midiática periférica daqueles que não participam diretamente, mas que desejam, a todo momento, participar.

2 | PERCEPÇÃO E GOVERNO

Em agosto de 2019, estamparam nas redes sociais e notícias internacionais, como o grande retorno do mal à Terra, diversos focos de incêndios florestais localizados na América do Sul. O evento, visto como o grande catalisador do fim do mundo e uma imoralidade pecaminosa para a civilidade do século XXI, conscientizou e elevou o indivíduo médio e a massa midiática ao ápice da contemplação das virtudes e mazelas humanas e, na mesma velocidade, após algumas semanas, condenou tal frenesi ao abismo do esquecimento e da irrelevância.

O Brasil, como a potência de maior expressão na América do Sul e Estado-Símbolo das florestas tropicais, por estar propriamente relacionado às queimadas, foi alvo soberano das críticas internacionais. Tais que, assim declarado o malfeitor do mês, o conseqüente acerto de contas foi posto em prática, como já esperado, por todos aqueles que entendem seu direito de expressão da mesma forma que um fanático entende seus deveres a uma seita religiosa. A respeito da predisposição humana em opinar e agir sobre um assunto pouco compreendido e aprofundado, Edmund Burke faz - em sua obra *“Reflexões sobre a revolução na França”*, aos pés de uma revolução, um paralelo:

Mas eu não posso tomar a dianteira e tecer elogios ou críticas a nada que se relacione com ações humanas, e preocupações humanas, com base numa visão simples do objeto, despojado de toda relação, na total nudez e solidão da abstração metafísica. As circunstâncias são as responsáveis por dotar, na realidade, todos os princípios políticos de sua cor e efeito distintivos. São as circunstâncias que tornam todo esquema civil e político benéfico ou prejudicial para a humanidade. (BURKE, 2017, p. 32 e 33).

O filósofo conservador pede, antes de tudo, prudência. E, de fato, antes de ser exigida justiça pelas mãos da Providência Divina contra a Terra de Santa Cruz, é fundamental atentar à circunstância em questão: atos como o “dia do fogo” – ação orquestrada por produtores rurais da região Norte que teriam incendiado áreas da floresta amazônica - não representaram, sozinhos, toda a ação humana envolvida nessa totalidade catastrófica.

Segundo dados públicos proporcionados pela NASA, na mesma semana, com as mesmas e até maiores proporções, ocorreram focos de incêndios em países vizinhos como a Bolívia, Paraguai e Peru, e até mesmo de outros continentes como a República Democrática do Congo, República do Congo, Angola, Zimbábue, Malauí,

Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e nas ilhas Canárias.

Pergunta-se, então, por quais motivos ocorreram grandes repercussões apenas no caso brasileiro. Para entender este evento, basta apenas analisar a variável correta.

Em uma equação, os valores das constantes universais - se inerentes à fórmula - mantêm-se inalterados independentemente dos outros fatores atribuídos ao resto da conta. Como o nome já diz, uma *constante*. Nesse caso, os focos de incêndios são as constantes universais desta equação, pois os mesmos foram o elemento em comum dentre as nações. Qual foi, portanto, a variável que germinou tanta discrepância entre o resultado brasileiro e a dos demais países?

Eis que surgem, em suas formas mais tímidas, das gavetas do Marketing, o discurso político e a gestão de imagem. Em sua essência, a manutenção da imagem. Nas palavras de Ney Lima Figueiredo (1994, p.18) - em sua obra "*Jogando para Ganhar*" - "O marketing político, ao contrário do que muitos pensam, não deve ficar restrito somente à época de eleições, mas sim, ser utilizado a todo tempo, principalmente para preservar o poder".

É a partir da consolidação dessa dinâmica que o político percebe a linha tênue em que se encontra quando, erguido pelas mãos do povo, percebe a facilidade em que pode ser arremessado de volta ao chão.

Como a política não beatifica o candidato, como bem se observa na mancha da lama em seu terno, há de alguém, portanto, exercer essa tarefa, ou algo próximo a isso. E esse alguém é ninguém menos que o ser entendido da sua importância como cidadão, caminhando pomposamente às urnas, mas sem o compromisso de saber em quem está votando, nem o que justifica o seu voto. Na prática, o eleitor comum.

Com seus medos, desejos e opiniões, o "empoderado" parte para a zona de conforto em que acredita estar - a liberdade de pensamento e de expressão, a luta pelos direitos e pela diversidade de opiniões. O protagonismo e a liberdade individuais, embora aparentemente conceituados nos debates e jargões públicos, são pouco compreendidos em sua totalidade.

A liberdade do indivíduo é, em si, uma dádiva, mas o seu louvor não contemplativo cega seu entendimento como um todo. Pelo medo da sombra de governos autoritários, não se é exigido do sujeito que ele saiba o que está dizendo ou fazendo, nem as consequências do que diz e faz, mas o ato de dizer/fazer já remete a algo belo e libertador a ser ouvido/observado. E em grande escala, esta inconsequência eleva-se ao patamar de virtude moderna a ser procurada, justamente pela própria essência da liberdade.

(...) a liberdade, quando os homens agem em conjuntos, é poder.

Pessoas razoáveis, antes de se posicionarem, observarão o uso que é feito desse poder, especialmente ao se tratar de um novo poder em mãos de novas pessoas que desconhecem, total ou parcialmente, seus princípios, temperamentos e disposições, e em situações onde aqueles que aparecem no centro da agitação talvez não sejam os verdadeiros protagonistas. (BURKE, 2017, p. 34).

O candidato e o eleitor, com suas virtudes e falhas, amados e desprezados numa relação mais que esquizofrênica, percebem que já chegaram a se casar apenas quando estão se divorciando. Um ser que está intrinsecamente ligado ao outro escolher por optar, na mais repentina desatenção, pela ignorância das ações de seu par, permite-se ficar sujeito à sutileza da narrativa do mesmo, que o agrada até o momento em que não lhe é mais conveniente.

A participação do indivíduo na política não é percebida como uma consequência da alta cultura, mas entendida, simplesmente, como um fim possibilitado pela vontade própria do indivíduo em aprendê-la. Como um gosto, alguns apreciam de mais, outros, de menos. Seja qual for o momento histórico, apresentam-se, concomitantemente, eleitores ferrenhos - apreciadores das notícias e análises políticas, e eleitores perdidos - à deriva e passivos ao mesmo ambiente.

Em tal contexto, o discurso político e sua repercussão emergem como potencial narrativo capaz de criar no imaginário popular - este tentando entender ou não seu país, mediante o caos estruturado - a ideia de estar vivendo no amaldiçoado Tártaro ou na irrelevância e desorientação do Campo de Asfódelos, e até mesmo, na fortuna dos Campos Elísios.

Uma amostra patenteada da percepção do eleitor no cenário brasileiro foi vista durante as eleições de 1994, na veiculação de uma mensagem, no tempo e formato corretos, na mais que perfeita sincronia da comunicação eleitoral - governamental. Tal mensagem, que bem executada, determinou a vitória de Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República - candidato que, um ano antes, foi nomeado ao cargo de Ministro da Fazenda durante o governo Itamar Franco. Seu objetivo: controlar a inflação que já alcançava a marca de 1348% em maio de 93.

Entre suas medidas, preparou o Plano Real para entrar em prática logo no ano seguinte. A circulação do Real iniciou-se no primeiro dia de julho de 1994 - três meses antes do dia da eleição - mesmo período estipulado e programado para que outras medidas tomadas pelo ministro concretizassem, enfim, seus efeitos.

Além disso, junto com a execução do Plano Real, utilizou-se da âncora cambial para segurar a inflação nos primeiros três meses. Neste período, R\$ 1,00 passou a valer U\$ 1,00 e, segurando a inflação perto de 0% nos meses de agosto, Setembro e Outubro, FHC conseguiu concretizar suas façanhas dias antes da eleição. Tal convergência de sucessos foi, para muitos crédulos da época, apenas um exemplo da Teoria da Mera Coincidência, em vez de uma simples estratégia

eleitoral/governamental não explícita da boca para fora.

Toda campanha política é única, inteiramente diferente das outras. Inversamente, toda campanha política é idêntica a quaisquer outras. Quem pretender repetir ponto por ponto uma campanha que deu certo no passado pode incorrer em grave erro. Mas quem esquece os princípios gerais, que estão presentes em qualquer campanha, comete erro ainda maior. (FIGUEIREDO, 1994, p.109)

Imaginemos a surpresa das pessoas quando, no mesmo período, FHC se demite do cargo de Ministro para ser candidato à Presidência da República pelo PSDB e, aos pés da eleição, repercute-se uma conversa, captada por antenas parabólicas, entre Rubens Ricupero e o candidato a respeito da eleição. “Na conversa, Ricupero - um dos articuladores do Plano Real - disse que o Plano foi usado como propaganda para beneficiar a candidatura de Fernando Henrique”. (Doc. Teatro das Tesouras - 1994, 2018).

3 | A CIRCUNSTÂNCIA ELEITORAL

No caso Amazônia, as comunicações a serem avaliadas englobam uma análise das bases eleitorais de ambos os presidentes. Começando por Emmanuel Macron, ex-ministro da economia que obteve sua subida à Presidência da República em maio de 2017. Em clara oposição a Marine Le Pen, autointitulado “nem de esquerda e nem de direita”, destacando seu desgosto pelo sistema político francês atuante, e visto como o novo rosto para esta classe tradicional, Macron se encontrou no meio de uma estagnação econômica somada a um ceticismo político exacerbado.

A insatisfação com os presidentes antecessores - Jacques Chirac e Nicolas Sarkozy - nas últimas décadas, permitiu a criação de uma vontade catatônica característica de um cenário polarizado e instável, alavancada pelos recentes ataques terroristas e a profunda crise econômica que se abateram sobre os franceses.

Tanto Macron, quanto Le Pen adotaram estratégias que, por suas características intrínsecas, obtiveram resultados já esperados. Segundo o Instituto Ipsos, 43% dos votos em Macron tiveram como motivação impedir Le Pen, e 33% dos votos foram pela renovação política que o candidato representava. Por Le Pen, 22% dos votos foram para barrar Macron, e 41% pela mesma renovação política desejada. Esse confronto direto englobou a notória política do medo perante a oposição e a sensação de esperança por algo diferente, aspectos iminentes ao populismo clássico.

Em sua obra “*Tratado de Comunicação Organizacional e Política*”, Gaudêncio Torquato menciona:

Em suma, o discurso político leva em conta o ânimo social - a natureza do estado coletivo - e a tipologia comportamental dos cidadãos, agindo, com maior ou menor intensidade, sobre os mecanismos sensoriais de cada um. O discurso político é um agente poderoso de poder. (TORQUATO, 2008, p.24)

A vitória de Macron, e a instauração do aumento dos preços dos combustíveis e do custo de vida no país ao final de 2018, fez do presidente - do mesmo jeito que fez de Chirac e Sarkozy - a vidraça a ser quebrada da vez, levando uma das maiores e incuráveis dores de cabeça de seu governo - “os coletes amarelos”, 300 mil manifestantes e 55% de aprovação das revoltas pela população.

Jogaram e jogam-lhe paus e pedras por suas ações governamentais não atenderem às injustiças sociais e econômicas presentes na França. Tais manifestações consagraram a marca de 1 ano em novembro de 2019, mesmo com o desinchaço de suas motivações. Em suma, a perda de popularidade de Macron vem se mostrando constante ao longo de seu mandato, tendo de lidar com a crise gerada pelas medidas tomadas no enfrentamento ao Coronavírus em 2020.

Dois anos depois após a posse de Macron, Jair Bolsonaro assume o cargo da Presidência da República Brasileira e este, assim como aquele, buscou votos em pautas anti-oposição ou anti-establishment, reformas econômicas e promessa de inovação, seja ela qual for. Com a mesma insatisfação pelos governos anteriores - Dilma Rousseff e o legado petista - Bolsonaro ganhou grande apoio da população que não desejava que seu opositor - Fernando Haddad, candidato pelo partido dos trabalhadores - fosse eleito.

Solidificou uma abordagem caracteristicamente coloquial e ríspida, em contrapartida com o excesso de grandiloquência dos antigos representantes. Essa, a maior dificuldade comunicacional nos aspectos das relações exteriores de seu governo e também um dos pontos positivos mais importantes para a sua base eleitoral que, por uma aversão a promessas soberbas, conforma-se com a sua “brasileiragem” no modo de falar.

Quando a distância é muito grande, há uma deformação do corpo, uma descaracterização da identidade. O ideal seria que a sombra estivesse mais próxima do corpo, a imagem estivesse mais próxima da identidade. O eleitor percebe a distorção entre o que um candidato é e o que pretende mostrar. (TORQUATO, 2008, p. 185).

O dilema de agradar a população local, que envolve tanto apoiadores quanto críticos, e a recepção internacional, torna-se um eterno empecilho para a sua governabilidade atual. Uma grande repercussão envolveu o nome de Bolsonaro e de seu governo justamente no caso Amazônia, sete meses após a sua posse.

Desde sua campanha eleitoral, evidenciou seu desinteresse (ou sua falta de dar a devida atenção) às questões ambientais. Em uma acumulação de ações

que não lhe deram crédito como: a fusão do Ministério da Agricultura ao Ministério do Meio Ambiente, antes cogitado ser extinto; a defesa do uso dos recursos da Amazônia; críticas sobre o excesso de leis ambientais no país; a demissão do diretor do Inpe - Ricardo Galvão; a suspensão da contribuição da Alemanha e Dinamarca ao Fundo da Amazônia; e críticas próprias aos mesmos países, Bolsonaro determinou um pretexto imagético de não possuir nem perto de suas prioridades, a questão ambiental.

E, por outro lado, como já levantado neste artigo, a variável a ser observada, além do discurso político, é a gestão de imagem. Na Bolívia, por exemplo, onde os mesmos incêndios ocorriam, Evo Morales - antes das denúncias de fraude eleitoral - chegou a sobrevoar as áreas bolivianas em questão, e determinou o processo criminal de qualquer um que tenha sido comprovado como iniciador de algum incêndio - atitude demorada a ser aplicada pelo governo brasileiro. No mesmo período, chegou a contratar também, um Boeing 747 Supertanker para combater as chamas, e anunciou a montagem de um gabinete de emergência ambiental.

Bolsonaro permitiu, através da falha comunicacional nos aspectos ambientais, que a redenção de Macron fosse iniciada. Diante de uma participação ambientalista no corpo eleitoral europeu - grande parte representada pela ascensão dos partidos denominados “Verdes” que afloram pela Europa - o francês aproveitou as notícias dos primeiros fogos quando os mesmos emplacaram na mídia internacional.

Tendo também a França como representante de 20% do setor agrícola da UE, e sob a regulamentação da PAC (Política Agrícola Comum), sistema este que tem como um de seus pilares/normas: incentivos financeiros ao pousio, à reconversão de produções, à reflorestação, à criação de reservas ecológicas e parques naturais e à agricultura por meios naturais (em outras palavras, a corroboração das diretrizes ecológicas pelos participantes permitem aos mesmos a utilização de subsídios agrícolas), o presidente confrontou o acordo realizado, no dia 28/06 de 2019, entre a UE e o Mercosul, mediante à insatisfação de parte da população francesa.

A sua principal constatação foi: a suposta concorrência desigual que a entrada dos países do Mercosul na zona comercial da UE proporcionaria aos países europeus. A não vigência dos países latino-americanos às normas da PAC para o setor agrícola (que para países da Europa, é de essencial importância, pois não detém da alta capacidade competitiva que países como, por exemplo, o Brasil possui) ocasionaria em uma suposta competição desleal. Em outras palavras, novamente, para se concorrer à efetividade do Mercosul, países europeus necessitarão de subsídios, e somente os receberão seguindo regras. Essas mesmas regras proporcionariam um maior custo de produção, assim tornando-se uma competição desigual.

Assim como acontece com o produto (se referindo a um dos P's de

Marketing - Produto, Preço, Praça e Promoção), o posicionamento do candidato é fundamental. Existem anseios, desejos, expectativas, que devem ser levantados por meio de pesquisas sérias, a serem atendidos para qualquer eleitorado (...). Pautar o candidato dentro dessas expectativas é a chave da questão. (FIGUEIREDO, 1994, p.15)

Macron, assim, determinou sua abordagem. Somando a causa do corpo eleitoral ecológico/ambiental europeu - ao ver as chamadas se perpetuando na América do Sul - ao corpo eleitoral agrícola de grande representação na UE - que possuem um histórico agrícola protecionista - seu posicionamento foi claro.

Sindicatos e organizações agrícolas franceses - como o FNSEA, alemães - como o Deutscher Bauernverband, italianos - como Coldiretti, assim como os de interesses Pró-UE - como a Copa Cogeca, entre outras vozes europeias, serviram de base de sustentação para uma nova iniciativa comunicacional do presidente, e por fim, iniciou sua entrada na questão Amazônica, como veremos adiante.

Devo esclarecer aqui que, sem sombra de dúvidas, existem outros inúmeros fatores que contribuíram para a ascensão de Macron à PR, além da questão agrícola/ecológica. Este direcionamento tem como objetivo, unicamente, englobar uma cadeia de comunicações escolhidas pelo emissor em um determinado momento, em um determinado contexto. O mesmo caso aplica-se ao presidente brasileiro.

A partir do mês de agosto, o olhar internacional observou a dificuldade da soberania brasileira em gerir uma segurança a respeito do controle das chamadas e a proteção das florestas, pauta ecológica esta, pouco difundida em seu plano de governo. A situação chegou ao seu ápice quando, uma semana após a repercussão na mídia, se deu a formação de um “rio” de fumaça que acobertou grande parte da região Centro-Oeste do Brasil. Assim estava determinado o contexto geopolítico midiático do mês.

4 | A DIPLOMACIA TARDIA

Erguido os megafones - ou os 280 caracteres do Twitter - a corrida de apontamento de dedos se iniciou, e, da mesma forma que em quaisquer eleições diretas, o 2º turno encarna a bestialidade antagônica à democracia que as próprias eleições remetem, a recusa da cordialidade diplomática entre o maior símbolo de poder de uma nação ao outro igual, e vice-versa, demonstra a realidade que o Séc. XXI nega existir. A de que, ora essa, não estamos no ápice do respeito e da civilidade humana, apesar de todas as evoluções tecnológicas.

Somado a isso, é evidente a importância da comunicação para o imaginário do homem, e quem melhor para divulgar tal comunicação, senão a mídia. Essa, porém, sob o respaldo de uma autoridade que se arraiga em uma credibilidade de décadas atrás, acusa qualquer nova fonte de informação de ser uma concorrente

desmerecida, para não ter que admitir que a natural descentralização dos veículos transmissores de informações, a partir do desenvolvimento de novas tecnologias, igualou seu alcance ao de um celular na mão de um único indivíduo.

Atualmente, a mídia demonstra um cinismo vaidoso digno daquela que se autoproclama como a detentora da verdade, quando na superficialidade dos fatos, ainda debate quais dentre elas é a mais verdadeira. Os meios de comunicação, inevitavelmente, se tornaram um quadro de propaganda enviesada escancarada, quando, para sobreviverem nesse mercado, tiveram de apelar para aquilo que sustenta a picuinha humana - a narrativa, a polêmica, a fofoca. A respeito da propaganda no imaginário do homem, Olavo de Carvalho cita brevemente em sua obra “*O Jardim das Aflições*” (2015):

Os *slogans*, as figuras, os *jingles* e logotipos da propaganda povoam a imaginação do homem de hoje exatamente como outrora os anjos, demônios, heróis e duendes do imaginário tradicional. Eles formam o vocabulário básico no qual o habitante das grandes cidades expressa seus desejos, aspirações e temores. O *homo urbanus* está preso no círculo da linguagem publicitária, já que sua imaginação não tem outra fonte para buscar inspiração e modelos de conduta além das comunicações de massa. (CARVALHO, p. 114 e 115)

Não é de se esperar, portanto, que na era da “paz e diversidade”, haja justamente o crescimento dos confrontos e segregações. Se, durante sua formação como indivíduo, autor dos próprios pensamentos e ações, um homem é acusado de ser o Inimigo ou o Vilão, condutor de uma moral inexistente – características essas amplamente disseminadas por tudo e todos – e depois é exigido que pregue, com verídica intenção, pela paz, pelo respeito e a diversidade, então pela incoerência mais descarada, acaba por entrar em um estado de neurose propício à desestruturação da própria alma. Eis que é normalizada e encorajada a loucura dos indivíduos e massas.

Mas não devemos ignorar o verdadeiro intuito da comunicação. Neste ambiente caótico e desprovido de uma moral vigente, é de uma ingenuidade assombrosa achar que cada posicionamento perante a Amazônia não possua outras intenções, além do que foi escrito/dito. Mesmo que a conscientização ambiental seja, de fato, uma pretensão verídica, ela, ao se respaldar em qualquer entidade política, permitiu ser usada como ativismo pelas mesmas, e acabou perdendo, por essa mesma consolidação, a substância de seu ideal. A natureza acima das questões políticas se transformou na natureza que se submete às ações de grupos políticos.

Após a entrada na pauta Amazônica, Macron acusa Bolsonaro de ter mentido sobre o clima, e se opõe ao acordo EU - Mercosul. Declarando iniciativas para a reunião do G7, o francês se posiciona perante o mundo, e principalmente, ao 1/3

dos partidos europeus, possuidores de valores ambientais.

Encaixa aqui, enfim, a análise das bases eleitorais dos presidentes que, ambos cercados por grandes desafios governamentais, altos níveis de rejeição, e tendo o ano de 2022 como uma próxima possível reeleição, demonstra as similaridades entre duas personalidades tão diferentes. Macron, recuado por constantes manifestações e apresentando, a cada dia, uma maior rejeição, apoia-se no Acordo de Paris – atualmente, um dos maiores símbolos ecológicos mundiais – e no protecionismo histórico vigente ao setor agrícola francês – uma das principais potências do setor na Europa - contra Bolsonaro – que possui, como já visto, um pretexto imagético anti-ambiental, remetente à sua campanha eleitoral - e a defesa dos recursos amazônicos para o desenvolvimento econômico do país, pauta econômica perpetuada no plano de governo brasileiro.

Após o posicionamento do francês, o brasileiro exige a retirada dos insultos à sua pessoa, e questiona a questão climática ser abordada em uma reunião, sem a presença do Brasil. Nesse caso, Bolsonaro apoia-se em seu ideal de pátria soberana, observada desde a sua campanha, e que é notoriamente adorada pelo seu corpo eleitoral. Até mesmo sua caricatura é envolvida quando, através das redes sociais, envolve a esposa de Macron, Brigitte, ao conflito. Característica esta que, também remetida aos seus filhos, incorpora a apreciação do mesmo corpo eleitorado que o elegeu.

Mais uma vez, a soberania brasileira é reiterada quando, ao se pronunciar perante o conflito, Macron levanta a hipótese de internacionalização da Amazônia. Foi, certamente, munição para o capitão do exército. Ao mesmo tempo, fora de escala brasileira, membros da UE hesitam em ratificar o acordo entre os dois blocos econômicos, alegando as mesmas preocupações apontadas por Macron, mas que, por haver desavenças entre os próprios membros, serviu, em alguns momentos, de tiro pela culatra para Macron. Em outros, conseguiu apoio de lideranças nacionais que identificaram a mesma constatação perante o acordo econômico.

Neste embate, onde se acabou exigindo até mesmo pedidos de desculpas de um candidato ao outro, e vice-versa, alguma parte, como na maioria dos casos, acaba cedendo, seja pela conveniência do momento ao observar o caminho que este confronto estava levando, ou até outra polêmica tomar a atenção da população – pelo menos no seu final de semana - e, inevitavelmente, fazê-la esquecer da anterior na manhã de segunda-feira, como foi o caso.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de dois meses, a crise planetária havia desaparecido, a fumaça diplomática havia se dissipado, o Natal e 2020 estavam chegando, mas ambas

as partes estavam prejudicadas. Embora as chamas tenham sido, eventualmente, controladas, e a crise de imagem do PR brasileiro tenha sido gerida, o governo brasileiro ficou marcado mundialmente em seu 1º ano de posse, enquanto Macron, que tentou puxar uma briga que não precisava, obteve confrontos até mesmo com outras nações europeias. Ao fato que, a questão Amazônica, após seu ápice, ainda é discutida, mas o fervor que a acompanhava, a santidade “óbvia” daqueles que a defendiam, e a demonização aparente daqueles envolvidos diretamente, demonstraram ser uma exaltação desnecessária para a causa.

Por uma ironia e coincidência do universo, o presidente francês se encontrou, logo após esse conflito, em uma situação na qual o governo brasileiro acabara de sair – a Reforma da Previdência. Aquela que encaminhou por polêmicas e desavenças no contexto brasileiro, passou pelo mesmo processo nas terras francesas, porém em uma escala muito maior. Percebe-se assim que, não importando o viés político, a conduta governamental, o pretexto eleitoral e o país em questão, é de extrema necessidade a gestão comunicacional perante problemas inevitavelmente parecidos, assim como a sua percepção no imaginário do cidadão.

A própria campanha eleitoral estampa a essência da “politicagem” ao, mediante um prazo, desenvolver um Produto (candidato), sob um determinado Preço (discursos e promessas), para uma determinada Praça (potencial eleitor) e com a respectiva Promoção (45 a 90 dias de período de campanha com todas as artimanhas possíveis, como os jingles, o tempo de TV, logos, bordões, slogans, entre outros). Os 4 P’s essenciais do Marketing.

Esses fazem parte da natureza do próprio jogo de poder que define as grandes disputas da humanidade durante toda a sua existência. Cabe ao leitor ou estudioso, pela própria curiosidade ou necessidade de saciar seu interesse em entender este tipo de comunicação, em levar-se por esse caminho – que tem muito a ensinar - sustentado por um ceticismo contrário à idolatração de discursos e promessas, para que não caia no abismo da cegueira deliberada proporcionada por um ideal de mundo perfeito. Onde o certo e o errado, o Bem e o Mal, são facilmente identificados por uma pretensão descomunal de cada ser por aí que não se permite aprofundar em algo, pelo simples fato de necessitar um clique a mais e 1% a menos na bateria de seu celular.

A Amazônia englobou muito mais que uma manchete. A pauta ambiental serviu de pretexto para conflitos ideológicos já preexistentes, que buscam eternamente um meio para se propagarem. Desta vez os players foram outros, mas não demorará muito, como de praxe, para que uma nova crise comunicacional envolvendo uma ou mais nações entre em destaque na mídia internacional e, novamente, acabe por iniciar uma guerra de narrativas sem objetivo aparente, a não ser o desgaste político enviesado. Basta ver a crise da COVID-19 que se seguiu, e a sua politização

consequente.

REFERÊNCIAS

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução na França**. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

CARVALHO, Olavo de. **O Jardim das Aflições**. 3. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

FIGUEIREDO, Ney Lima. **Jogando para ganhar**. São Paulo: Geração Editorial, 1994.

TORQUATO, Gaudêncio. **Tratado de Comunicação Organizacional e Política**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

O Teatro das Tesouras I 1994 [s.i]: Brasil Paralelo, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4aqhPpHlm1c>>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adventure games 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67

Alimentos 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 192, 193, 194, 271

Amapá 189, 190, 193, 194, 195

Amazônia 160, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 189, 191, 192, 195

Apontamentos 96, 144, 148, 157

Assistência social 254, 255, 259, 261, 263, 277, 278, 282, 283, 284, 285, 286, 287

Atividades de aventura 16, 17, 18, 19, 22, 25, 27

B

Benefícios 19, 22, 76, 162, 235, 261, 277, 278, 283

C

Câmbio 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253

Capital improdutivo 265, 266, 267, 275, 276

Capitalismo 66, 150, 190, 191, 199, 216, 220, 221, 225, 265, 269, 270, 273, 275

Comércio 104, 192, 210, 226, 228, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 250, 251, 266

Comportamento do consumidor 197, 201, 202, 208, 238

Comunicação 20, 23, 24, 67, 71, 86, 88, 95, 116, 131, 135, 137, 139, 142, 143, 154, 160, 161, 165, 166, 169, 170, 172, 173, 194, 197, 198, 200, 201, 202, 205, 209, 210, 237, 281

Comunicação integrada de marketing 202

Comunidade Quilombola de Piqui da Rampa 28

Crescimento 17, 68, 101, 119, 120, 122, 127, 128, 170, 176, 190, 192, 198, 200, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 242, 244, 266, 271, 273, 274

D

Decolonialidade 189

Demanda 31, 68, 69, 75, 83, 118, 120, 128, 205, 206, 224, 225, 227, 231, 232, 233, 237, 244, 249, 252, 261, 266

Desenvolvimento sócio econômico sustentável 28

Direito à educação 77, 78, 79, 80, 84, 85

Direitos 7, 37, 69, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 84, 85, 88, 91, 115, 137, 139, 161, 164,

216, 217, 219, 220, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 268, 277, 278, 282, 285, 286

Discurso 94, 95, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 130, 132, 138, 142, 160, 164, 165, 167, 168, 190, 194, 195, 219

Documentações 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 12

E

Economia 29, 68, 69, 158, 166, 195, 198, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 229, 240, 243, 244, 252, 253, 265, 266, 267, 272, 274, 275, 279

Educação infantil 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Educação popular 130, 132, 135, 136

Eleição 3, 165, 166, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Emprego doméstico 254, 255, 256, 257, 258, 260

Empresas 54, 57, 58, 65, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 128, 137, 158, 162, 174, 175, 178, 182, 186, 192, 198, 199, 200, 203, 205, 206, 207, 209, 210, 217, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 237, 238, 252, 268, 269, 270, 271, 276, 280

Ensino superior 118, 120, 121, 122, 127, 128, 129, 262

Escalada em rocha 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 27

Escola 21, 22, 23, 79, 80, 84, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 128, 138, 156, 158, 192, 265

Estratégia 52, 57, 63, 136, 160, 161, 165, 184, 186, 192, 202, 208, 223, 233, 235, 237

F

Fronteira 8, 106, 177, 192, 240, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 251, 252, 253, 275

G

Geopolítica 160, 162

Gestão Municipal 277, 282, 283

Governança corporativa 265, 268, 269

Graduação 23, 41, 66, 67, 92, 93, 116, 118, 119, 124, 125, 126, 127, 129, 148, 150, 153, 154, 155, 157, 195, 238, 287

I

Inclusão 72, 73, 76, 118, 122, 123, 129, 224, 258, 264, 267

Informação 2, 10, 19, 22, 42, 69, 86, 88, 91, 92, 108, 121, 122, 131, 140, 157, 169, 183, 254, 258, 259, 261, 262, 263, 267, 272

J

Janary Nunes 189, 190, 191, 193, 194

Jogos eletrônicos 42, 43, 44, 48, 50, 51, 62, 65, 66

L

Lazer 1, 2, 10, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 35, 71

Legislação 4, 12, 68, 69, 75, 179, 188, 216, 219, 247

Leitura 59, 61, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 136, 148, 180, 264

Líder religioso 130

Logística 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188

M

Marketing de relacionamento 197, 198, 199, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209

Maturidade 118, 119, 129, 198, 200

Mediador comunicativo 130, 132, 133

Mercado 30, 33, 36, 42, 44, 52, 57, 63, 69, 72, 73, 74, 76, 79, 87, 88, 121, 161, 162, 170, 178, 179, 191, 192, 193, 198, 199, 200, 201, 203, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 214, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 234, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 244, 245, 247, 248, 252, 254, 255, 260, 263, 272

Microempresa 224, 225, 226, 231, 238

Ministério Público 77, 78, 82, 83, 85, 183

Modernidade líquida 197

N

Narrativa interativa 42, 48

P

Pessoas com deficiência 68, 69, 72, 74, 75, 76, 220

Pluralidade histórica 144

Poder Judiciário 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 180, 181

Práticas alimentares 189, 190, 191, 193, 194, 195

Precarização 212, 216, 222, 223

Projeto 34, 38, 39, 40, 55, 132, 138, 142, 143, 174, 176, 194, 230, 251, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 277

R

Relações sociais 16, 32, 33, 36, 98, 99, 100, 101, 114, 121, 156

Rotulagem de alimentos 86, 88, 89, 90, 91, 92

S

Sentido de pertença 144

Sociabilidade violenta 94, 99, 100, 103, 109, 115

Sujeito 94, 95, 96, 97, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 128, 147, 161, 164, 165, 200, 248

T

Trabalho 3, 8, 22, 23, 25, 28, 29, 32, 35, 37, 38, 39, 65, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 88, 92, 93, 95, 96, 99, 100, 103, 104, 107, 110, 113, 114, 121, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 147, 150, 153, 177, 183, 187, 189, 192, 197, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 228, 229, 238, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 273, 275, 277, 278, 280, 285

Turismo étnico cultural consciente 28

Turismo Internacional 1

U

Uberização 211, 212, 213, 216, 217, 219, 221, 223

Universidades 44, 86, 198

Urnas eletrônicas 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187

V

Violência física 94, 95, 96, 98, 103, 106, 107, 109, 110, 114

Vistos 1, 4, 5, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 36, 65, 145, 161, 215

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Sociais Aplicadas: As Relações como Meio de Compreender a Sociedade

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Sociais Aplicadas: As Relações como Meio de Compreender a Sociedade